Crônica da Cidade

ANA DUBEUX | *anadubeux.df@dabr.com.br*

O dia que eu entrei na paisagem

O Lago Paranoá, para mim, sempre foi história. Em parte, memória fotográfica, de tanto ver nas páginas do jornal, nas telas das TVs, no Instagram e, mesmo, meio ao longe pelos passeios de carro, nos clubes, restaurantes. Meio cartão-postal, por assim dizer.

Nosso saudoso Ari Cunha gostava de dizer, quando saía da redação e descia pela rodoviária até a L2, que faria o caminho das águas. Em 1958, quando o cearense aportou por aqui, deram-lhe um jipe. Era assim que ele atravessava a superfície, mais tarde coberta pelas águas do Paranoá, desviadas do curso de três rios da região.

Tinha e tenho pelo lago o amor das vistas, aquele feito de paisagem. Vez por outra, algo me dizia para explorar essas águas. Mas batia um certo temor. Em 35 anos, nunca mergulhei no Paranoá, sequer naveguei de lancha, prancha, stand-up paddle ou qualquer coisa que se assemelhe a um contato mais próximo.

Meu 'nunca' acabou ontem. Sibele Negromonte, minha colega de jornal, tem ventilado os benefícios do remo e me convenceu a acompanhá-la em uma aula. Nordestina do litoral como eu, também pernambucana, ela sabe a força das águas para acalmar nossa mente tão acelerada. Mal sabia daquele meu medo escondido, que voluntariamente me mantinha sempre em margens seguras.

Desta vez, fui. Vento forte, muita onda, céu maravilhoso e o relato dos colegas de canoa de que era um dos dias mais tensos ali para remar. Mas, desde que retornei do Caminho de Santiago, meu corpo pede desafios. Sentir sol, vento, perna e braço cansados, apesar de contraditório, é extremamente reconfortante pra mim.

Sabe o beliscão para termos certeza de que não estamos sonhando? Pois é. Acordar o corpo com novidade é também ter a certeza de que a vida é de verdade, concreta, palpável e feita de momentos. O corpo é parte integrante das práticas de meditação e todo desconforto, é preciso entender, em algum momento passa.

Não é que vou agora atravessar o lago a nado, mas fico feliz de ter me distanciado da beira. Entrar na paisagem, passar do portal, essas coisas que atravessamos... Estar lá foi mais uma daquelas surpresas bonitas que a gente encontra quando decide pelo passo à frente. Graças à Sibele, a quem agradeço. Tenha amigos que te puxam para viver bons momentos.

Aumento das infrações contra a sinalização é refletido em violência no trânsito. Mãe e filha foram atropeladas e mortas em Planaltina e, em Samambaia, uma mulher e uma criança ficaram feridas

Perigo nas faixas de pedestre

» CARLOS SILVA*

Símbolo da civilidade, o uso da faixa de pedestre no Distrito Federal foi adotado como política pública para o trânsito há 25 anos. Entretanto, casos de desrespeito à sinalização obrigatória crescem juntamente com o número de vítimas da violência nas vias. Um dos mais dramáticos ocorreu na segunda-feira, em Planaltina, e resultou na morte da balconista Sandra Sousa Freire, 33 anos, e da filha Heloísa Sousa, 3. As duas foram atropeladas por um motociclista enquanto atravessavam a faixa de pedestres.

O desfecho trágico não é um caso isolado de desobediência. De janeiro a setembro deste ano, as infrações relacionadas cresceram 18%, são 10.234 autuações, contra 8.677 do ano passado, conforme dados do Departamento de Trânsito do Distrito Federal (Detran-DF). Em algumas horas percorrendo vias movimentadas na cidade, o **Correio** constatou motoristas avançando contra a faixa.

Uma realidade cotidiana para a moradora do Gama Josinete Rabelo, 33 anos. Passando todos os dias pela Asa Sul, a caminho do trabalho, ela conta que não confia totalmente nos motoristas. "Nunca tive problemas, mas fico com medo, por conta das notícias de acidentes que vejo direto", relata. Para ela, o uso de celular por parte dos condutores faz com que o risco aumente. "Eles perdem a atenção, e em vez de olhar para frente ficam olhando para a tela", afirma.

No Areal, Lucas Pires, 26, indigna-se com a falta de educação dos condutores. "Aqui por Águas Claras, onde faço acadêmia, respeitam um pouco. Mas acredito que isso não seja a realidade geral", estima. Como passageiro, ele diz que quase testemunhou um atropelamento. "Estava no Uber, e o motorista não viu a pessoa na faixa e quase acertou a pessoa. Fiquei bem assustado, porque ele parou em cima", relembra.

Manutenção na vias

A servidora pública Marly Possamai, 60, é mais otimista. "Alguns lugares com trânsito muito intenso é mais difícil parar, mas aqui, pelo costume, os motoristas respeitam". Apesar da confiança, ela não descuida e só atravessa com o pet no colo. Moradora da Asa Sul, ela acredita que o costume é fundamental para manter o respeito e cobra a manutenção da sinalização. "É preciso revitalizar sempre, porque desgasta muito rápido e às vezes não dá para ver", alerta.

O DF tem 4.305 faixas de pedestres em vias urbanas e 297 em rodovias. De acordo com o Detran-DF, este ano, 461 foram lavadas para melhorar a visualização. O órgão também informou que fez 617 ações educativas, alcançando 416.415 mil pessoas.

Glauber Peixoto, porta-voz do Detran-DF, admite que apenas a sinalização não é suficiente. "A fiscalização está presente, principalmente naquelas faixas onde há maior circulação de pedestres. Mas é fundamental que o condutor entenda a sua importância para a preservação da segurança dos pedestres", afirma.

Ed Alves/CB/D.A Press

Josinete Rabelo transita pela Asa Sul e admite que, mesmo usando as faixas, desconfia dos motoristas

Atrás do volante

Na contramão dos motoristas, a advogada Luana Pereira, 23, que dirige pela ruas de Brasília há cinco anos, observa que cada vez mais os pedestres reivindicam passagem. "Com as iniciativas de prevenção e conscientização, mais pessoas usam as faixas. Também vejo que a reforma de pontos de travessia também têm ajudado", comentou. No momento da entrevista, Luana dirigia justamente pela QR 314 de Samambaia — onde outra mulher foi atropelada junto com uma criança — também na última segunda-feira. Lá, pedestres andavam fora da faixa e os que insistiam eram ignorados pelos condutores.

Com mais de 20 anos de CNH, Josimar Santos, 72, reconhece os problemas, mas vê melhorias. "Não é algo homogêneo para em todo o DF. Em algumas áreas se respeita mais; em outras, menos. Não diria que estamos 100%. Talvez 70%", avalia. Ele conta que, apesar de ver situações de desrespeito por parte de condutores, também já testemunhou pedestres que não fazem uso correto da faixa. "Tem motoristas e motociclistas que andam rápido demais. Porém, já vi muitas pessoas que não dão sinal antes de atravessar, ou preferem correr na pista. Já tomei alguns sustos. Tanto pedestres quanto condutores devem lembrar da própria responsabilidade e de respeitar o próximo", argumenta.

Importância da sinalização

Especialistas em trânsito argumentam que a faixa é uma das maneiras mais eficazes de proteção de condutores e pedestres no momento da travessia. "Nós temos a clareza de que a faixa de pedestres é uma estratégia, ao mesmo tempo, uma ferramenta de proteção para que o transeunte esteja seguro no momento da travessia. Isso deve ser respeitado, tanto pelo condutor, que tem obrigação de parar diante da faixa, como prevê o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), quanto pelo pedestre, que deve se cercar de sinais de que está em segurança, como verificar se o veículo está em alta velocidade e se tende a parar. É um trabalho de autovigilância", explica Zuleide Feitosa Doutora em transporte e trânsito e professora da Universidade de Brasília (UnB).

A especialista também destaca a importância da sinalização adjacente, como placas indicativas, semáforos, radares, entre outros. "Toda a disposição visual tem um propósito. O principal é manter os participantes do trânsito informados sobre as sequências comportamentais que devem ser desempenhadas. Então é de suma importância que todos estejam atentos, sejam elas anteriores a faixa e aquelas que estão junto da faixa", orienta.

***Estagiário sob a supervisão de Juliana Oliveira**

Prisão preventiva para condutor que atropelou mãe e filha

» DARCIANNE DIOGO

A prisão em flagrante do motociclista João Batista Siqueira, 36 anos, que atropelou e matou a balconista Sandra Sousa Freire, 33 anos, e a filha Heloísa Sousa, 3, foi convertida para preventiva. A decisão foi tomada, ontem, durante a audiência de custódia. Indiciado por homicídio doloso (quando há intenção de matar), ele deve ir para o Complexo Penitenciário da Papuda nos próximos dias.

As vítimas foram atingidas a quase 150km/h em uma via de 60km/h, em Planaltina. O **Correio** apurou que o acusado trabalha na área de informática e estava afastado do serviço por problemas psicológicos. Não é a primeira vez que o motociclista se envolve em acidentes de trânsito. A primeira ocorrência registrada, em 2012, resultou no atropelamento de dois ciclistas. João também conduzia uma moto e, por causa da alta velocidade, não conseguiu frear a tempo. As vítimas foram socorridas e levadas ao Hospital Regional de Sobradinho (HRS).

Em 2017, João levava uma moça na garupa da moto, quando, semelhante ao caso anterior, não conseguiu frear, e bateu em uma camionete no Eixão Norte. Somente a mulher sofreu ferimentos e foi socorrida e encaminhada ao hospital. Além dos sinistros de trânsito, João acumula multas por exceder a velocidade máxima permitida e por transitar na contramão.

Apesar do histórico infracional, o acusado seguia dirigindo. Na avaliação de Adriana Modesto, doutora em transporte, o uso de remédios controlados não justifica os atropelamentos. A especialista explica que o motorista é submetido a exames ainda no processo de habilitação. "Se os medicamentos de uso contínuo ou quadro clínico forem incompatíveis com a condução veicular, tendo em vista a normatização, pode ter ocorrido alguma falha no procedimento ou ele pode ter omitido algum tipo de informação aos profissionais responsáveis pela avaliação", supõe.

O Departamento de Trânsito do Distrito Federal foi questionado sobre o motivo de João continuar com a habilitação apesar do histórico de acidentes e com a alegação de que faz o uso de remédios controlados. Segundo o diretor de policiamento da autarquia, Wesley Cavalcante, a fiscalização existe para verificar se o condutor dirige sob influência de álcool ou substância psicoativa que cause dependência. "Temos o etilômetro para fazer a medição do álcool no organismo, para as drogas temos o drogômetro, que não está regulamentado no Brasil", afirmou.

A defesa de João Batista Siqueira só se manifestará nos autos do processo.

Sepultamento

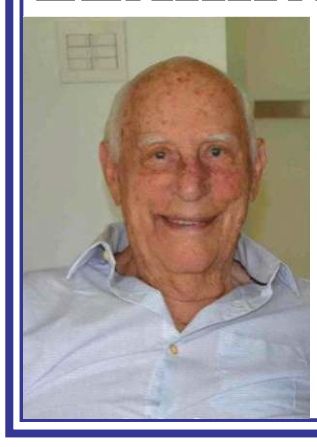
Mãe e filha serão veladas juntas, hoje, às 8h30, no Cemitério Campo da Esperança de Planaltina-DF. O sepultamento está previsto para ocorrer às 11h. A brutalidade com que as duas perderam a vida causou revolta e indignação aos familiares e amigos da vítima. Márcia Freire, 42, uma das cunhadas de Sandra, ficou aliviada com a decisão que manteve a prisão do condutor e pede por justiça. "Agora, vamos ver o que será feito. Tudo o que queremos é que a justiça seja feita, porque nada nos trará elas de volta", desabafou.

Redes sociais

Sandra e a filha Heloísa foram mortas em faixa de pedestre

Brigadeiro do Ar

ELAHIR AMARAL DA NOBREGA



★ 09/03/1929 ✝ 07/10/2022

MISSA DE 7º DIA

Esposa, filhos, enteados e netos convidam para a missa de Sétimo dia do amigo, marido, pai e avô, a ser realizar nesta **quinta-feira, 13 de outubro, às 20 horas, na Igrejinha Nossa Senhora de Fátima - 307 Sul**.